



FOTO: SÉRGIO CARA / CENTRO CELSO FURTADO

Maria da Conceição Tavares

POR CARMEM FEIJÓ, GLAUBER CARVALHO, HILDETE PEREIRA DE MELO
E ROBERTO SATURNINO BRAGA

A professora Maria da Conceição Tavares nos recebeu, em sua residência, na tarde do dia 20 de fevereiro de 2019. Como sempre, esteve inseparável de seus cigarros, que consome ininterruptamente. Foram quase três horas de entrevista, em que ela conversa com a professora Hildete Pereira de Melo; com o diretor-presidente do Centro Celso Furtado, senador Roberto Saturnino Braga; com o coordenador executivo do Centro Celso Furtado, Glauber Carvalho; e comigo.

Para mim, em particular, foi uma grande honra poder realizar esta entrevista. Conheci a professora Maria da Conceição nos meus tempos de aluna de economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), nos idos dos anos 1970. Maria da Conceição, ou Ceíça – como era chamada pelos colegas e alunos mais próximos –, tinha regressado do seu posto como economista na Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), no Chile, e retomado a atividade de professora na UFRJ. Seu carisma e a forma brilhante como apresentava suas análises sobre a realidade brasileira e latino-americana encantavam os estudantes naqueles dias sombrios de ditadura militar. A forma contundente com que se expressava marcou várias gerações. Certamente, a minha geração teve na Conceição uma fonte de inspiração para pensar, de forma crítica, a realidade das economias em desenvolvimento. Registre-se também que foi através da Conceição que o debate em economia no Brasil se renovou, com a introdução de autores como Kalecki e Keynes nos cursos de teoria econômica da UFRJ e da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Além de grande professora – objetiva, precisa e exigente –, Conceição sempre foi muito alegre. E, apesar do tom quase agressivo com que se manifestava em suas apresentações públicas, sempre foi uma pessoa generosa e atenta com o próximo. Estou convencida que a forma agressiva de se expressar deve ter sido uma estratégia de comunicação, ainda que inconsciente, para se impor num ambiente profissional dominado por homens.

Na entrevista, Maria da Conceição relembra o entusiasmo com que abraçou o Brasil, saindo de uma ditadura em Portugal que parecia não ter fim. Na era de Juscelino Kubitschek, o Brasil deveria ter mais a oferecer a uma jovem de menos de 30 anos, formada em matemática e já com interesse em economia, do que a sociedade estagnada de Portugal. No filme *Livre pensar – cinebiografia de Maria da Conceição Tavares*, dirigido pelo cineasta José Mariani, ela revela o que a movia naqueles tempos: o Brasil testaria a possibilidade de uma “democracia nos trópicos” dar certo.

A carreira de Conceição não ficou restrita à academia brasileira. Sua experiência internacional se inicia cedo, na prestigiada Cepal, criada em 1949, com sede em Santiago do Chile, pela mão de Raúl Prebisch e Celso Furtado, os pais do pensamento estruturalista latino-americano. Naquela época, a Cepal era o grande *think tank* em economia da América Latina, e o talento da jovem professora foi reconhecido por Aníbal Pinto, que a levou para Santiago, em 1968. Este foi um período fértil de ideias e experiências profissionais, durante o qual Conceição pôde atuar como professora no Chile e como assessora do governo Allende. De volta ao Brasil, viveu certamente o período mais difícil dos anos de chumbo, chegando a ser presa. Mas Conceição supera o trauma e produz, em curto espaço de tempo, duas teses acadêmicas. Em 1975, defende a sua tese de livre-docência na UFRJ, *Acumulação de capital e industrialização no Brasil*, e, em 1978, a sua tese de professora titular *Ciclo e crise: o movimento recente da economia brasileira*. As aposentadorias na Unicamp, em 1987, e na UFRJ, em 1990, foram sucedidas pela experiência como parlamentar, tendo sido eleita deputada federal pelo Rio de Janeiro, pelo Partido dos Trabalhadores (PT), em 1994 (diplomada em 1995).

Como a vida parlamentar não a encantou, retornou à vida acadêmica e continuou a produzir livros e artigos sobre temas de economia. Mais recentemente, com quase 90 anos, se prepara para o lançamento de mais um livro, reunindo artigos seus. Assim, a incansável professora Maria da Conceição Tavares continua dando exemplo de vitalidade e determinação, a inspirar as gerações mais jovens.

Carmem Feijó
Editora

CARMEM FEIJÓ (CF): Agradecemos inicialmente sua disponibilidade em receber os *Cadernos do Desenvolvimento*. Vamos começar com as suas lembranças de Portugal. O que fica na memória e como foi sua chegada ao Brasil, já formada?

MARIA DA CONCEIÇÃO TAVARES (MCT): Eu fiquei em Portugal até me formar, me formei em matemática, em Lisboa. Nasci em Anadia, mas fui com um mês para Lisboa. Não tenho irmãos diretos, uma meia-irmã do segundo casamento do meu pai.

CF: E a escolha para fazer faculdade de matemática, veio de onde?

MCT: Eu era boa em matemática e tinha recebido um prêmio do Liceu. Foi meio natural. Eram poucas mulheres. Entrei primeiro em engenharia e fui logo para matemática.

HILDETE PEREIRA DE MELO (HPM): Foi na raça. O Instituto Superior Técnico de Lisboa no curso de Engenharia Químico-Industrial tinha três mulheres com ela, dentre 250 alunos. E teve como referência o professor Bento de Jesus Caraça.

ROBERTO SATURNINO BRAGA (RSB): Ah, um grande professor do mundo. Eu fui bom de matemática e tinha muito essa referência.

MCT: A morte dele em 1948 causou uma grande comoção em Lisboa. Ele era muito ativo, frequentava os sindicatos. Bem de esquerda e bem notório.

CF: Como era ser universitária naquele ambiente repressor?

MCT: Muito ruim. Por sorte meu curso de matemática tinha pouca influência da esquerda.

HPM: Uma das amigas dela da engenharia química foi Maria de Lourdes Pintasilgo, que viria a ser a primeira mulher primeira-ministra de Portugal, em 1979.

RSB: Esse clima de Portugal foi um dos fatores que te fez vir para o Brasil?

MCT: De fato não, meus pais estavam aqui. Eu casei em 1952, me formei em 1953 e no ano seguinte viemos para cá.

HPM: O pai da Conceição era importador e exportador de vinhos e depois ele montou uma fábrica de cervejas no Paraná.

CF: E você veio direto para o Rio de Janeiro?

MCT: Primeiro fui para o Paraná, mas logo viemos para o Rio, porque o meu marido veio empregado com o Saturnino Brito.

HPM: Ela veio passar a lua de mel aqui no Brasil depois do casamento. A decisão de vir definitivamente veio só depois. Já formada, ela veio achando que poderia ensinar matemática aqui.

MCT: Eu comecei trabalhando como analista estatística, ainda em 1955, no Instituto Nacional de Imigração e Colonização - Inic (atual Incra - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária).

CF: E o interesse pela economia, como surge?

MCT: Isso já foi aqui. Como eu trabalhava com temas afins à economia, eu resolvi fazer o curso. E fiz na Faculdade de Economia no que era a Universidade do Brasil, depois virou UFRJ.

Fiz a
Faculdade de
Economia no
que era a
Universidade
do Brasil,
depois virou
UFRJ.



HPM: O detalhe nessa história é que o marido dela teve o registro profissional aceito para trabalhar com o Saturnino Brito, e o diploma dela não foi aceito e revalidado.

MCT: Tive que fazer vestibular e tudo e fui para a Economia.

CF: Foi então que você conheceu o professor Otávio Gouveia de Bulhões e se tornou assistente dele?

MCT: Ele era professor titular. Como eu sabia matemática e o Bulhões não fazia uma curva, ele precisava de uma assistente.

CF: Nessa época o Antonio Dias Leite estava lá também?

MCT: Estava, era ótimo. Isso foi década de 1960.

HPM: Conceição foi diplomada com *summa cum laude*.

CF: E quem eram suas referências acadêmicas na economia?

MCT: Celso Furtado era a principal referência. Durante o meu curso, ele lançou o *Formação econômica do Brasil* (1959). Eu sou discípula intelectual dele, apesar de ele nunca ter sido meu professor. O Otávio Gouveia de Bulhões era um liberal, eu não era liberal, era de esquerda.

CF: E Celso Furtado já era ensinado na universidade?

MCT: Não! Não era.

CF: Então era interesse seu?

MCT: Meu e de vários outros alunos. O lançamento do livro foi um sucesso.

RSB: O Eugênio Gudín ainda era uma autoridade?

Celso Furtado era a principal referência. Durante o meu curso, ele lançou o *Formação econômica do Brasil* (1959).

MCT: Era, mas se aposentou logo depois de eu entrar para a faculdade. Ele tinha participado do governo Café Filho.

CF: E quando você entra no BNDE (então, Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico)?

MCT: Eu fui requisitada no Inic para o BNDE, pois eu fiz um trabalho sobre as obrigações de reaparelhamento econômico do banco.

HPM: Como ela era de estatística, foi levada para calcular as alíquotas do Imposto de Renda de Pessoa Jurídica, que era a base do financiamento do BNDE.

MCT: Eu conheci os primeiros economistas e engenheiros, Sebastião Soares, Juvenal Osório. Depois o Celso foi diretor do banco. E veio o convênio Cepal-BNDE e eu fui trabalhar lá. Fiz o curso e fui trabalhar no escritório da Cepal-BNDE, na rua Souza Lima, no Flamengo, aqui no Rio de Janeiro. Primeiro, fui trabalhar no escritório no Flamengo, depois fui para o escritório em Santiago, no Chile.

CF: Como era a disseminação do pensamento estruturalista?

MCT: Não. Isso é mais tarde, depois que o Celso virou figura importante.

HMP: Celso Furtado saiu do BNDE para ir para a Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), depois da Conferência dos Bispos do Nordeste que chamou atenção para a necessidade de um diagnóstico sobre o problema da seca. A década de 1950 no Nordeste foi terrível.

CF: Apesar da pobreza e da miséria no Nordeste, os anos 1950 foram de um Brasil promissor.

MCT: Em 1957, o governo Juscelino Kubitschek era de ascensão, de otimismo.

HMP: Conceição ficou tão entusiasmada com o Brasil da época que pediu a nacionalidade brasileira.

RSB: Eu, como sou político, acho Celso e Juscelino figuras decisivas, o presidente Kubitschek era uma figura importante e havia clima para isso.

HPM: Como nordestina que sou, digo que, no Nordeste, o que não gostamos foi a transferência da capital do Rio de Janeiro para Brasília. Para nós, ficou claro que o dinheiro gasto para construir Brasília foi demais.

MCT: Mas o que deteriorou a situação econômica do país na década seguinte não foi a construção de Brasília, mas o setor externo. Quando deteriorou o balanço de pagamentos, a economia parou de crescer.

HPM: Mas a grande massa não entendia isso.

CF: Quando você vai para Santiago?

MCT: Como funcionária da Cepal no Brasil, fui convidada para servir em Santiago do Chile. Aníbal Pinto Santa Cruz tinha sido meu professor aqui. Quando voltou para o Chile ele me convidou. Era 1968.

HPM: Naquele momento não tinha mulher economista na Cepal. E ela era chefe do escritório aqui. A “saia” era um problema. Não era uma profissão feminina.

CF: E era também um momento interessante do Chile, em 1968. Você deu aula na Escolatina? Quem era o secretário executivo da Cepal?

MCT: Eu dei aula lá. A Escolatina é da Universidade do Chile. Mas eu trabalhava na Cepal mesmo, na sede. O secretário executivo era o Enrique Iglesias, um grande pensador. Raúl Prebisch ainda estava lá nessa época. A Cepal tinha uma equipe econômica que era peso-pesado.

RSB: Tinha o Almada, não?

MCT: Tinha, o Jorge Almada.

CF: E você tem boas recordações?

MCT: Naquela altura o clima era ótimo, com o presidente Allende, eleito em 1971.

HPM: A Conceição acaba fazendo uma assessoria ao governo.

MCT: Eu me lembro que eu dei uma espinafurada no ministro da economia do Allende, ele ficou tão escandalizado que se perguntou “quem é essa mulher?”. Eu sempre fui agressiva. [risos]

CF: E o planejamento econômico, foi forte durante o governo Allende?

MCT: Não. Muito fraco. Eu fui assessora do Carlos Matus, no ministério do Planejamento. Era um ministério importante.

CF: E tem algum estudo especial que você se lembra dessa época?

MCT: Estudos importantes, não.

CF: Outros brasileiros se juntaram lá?

MCT: Tinha outro brasileiro. Só mais um. O Fernando Henrique Cardoso chega lá depois.

HPM: Foi depois do AI-5, em 13 de dezembro de 1968. A Conceição tinha um faro para escapar. Ela saía sempre antes da bomba estourar.

CF: Durante o período que você passou no Chile, você chegou a perceber a deterioração da situação política?

MCT: No período que eu estava lá, não senti, não. Foi depois.

CF: Você volta para o Brasil e vai trabalhar onde?

MCT: Eu voltei do Chile pois tinha uma licença de cinco anos da UFRJ e estava acabando. Aí o pessoal da Unicamp, meus alunos no curso da Cepal de São Paulo - Luiz Gonzaga Belluzzo, João Manuel Cardoso de Mello, Luciano Coutinho, Wilson Cano, me chamaram para a Unicamp.

HPM: Conceição, você era da UFRJ, mas deu aulas na Fundação Getúlio Vargas (FGV), não?

MCT: Na FGV quem me indicou foi o Otávio Gouveia de Bulhões. Ele recomendou ao Mario Henrique Simonsen que me convidasse. E ele me convidou. Na época, na escola de pós-graduação da FGV do Rio estavam o Mario Henrique Simonsen, o Isaac Kerstenetzky, que era uma figura importante, muito boa, o Werner Baer, um gringo professor do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), eu e outros.

CF: O Isaac foi também o grande presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ele plantou a semente da modernidade na instituição, quando ninguém apostava.

Eu me lembro que eu dei uma espinhafrada no ministro da economia do Allende, ele ficou tão escandalizado que se perguntou “quem é essa mulher?”.



MCT: O papel do ministro [João Paulo dos] Reis Velloso no Planejamento também foi importante para consolidar o ensino de economia no país, institucionalizar. Depois entra o José Pelúcio Ferreira.

CF: E a questão das bolsas de estudo, de criar um fundo de financiamento à pesquisa acadêmica. Na América Latina, o Brasil se destacava. Tinha uma formação de quadros de planejamento. Como isso desaparece?

MCT: Na luta ideológica, na ditadura.

CF: Mas ai você funda a pós-graduação na Unicamp e cria lá um centro de ensino heterodoxo, a chamada escola de Campinas.

MCT: Sim, com todos os meus ex-alunos do curso da Cepal-SP.

HPM: E foi uma articulação muito intensa do Zeferino Vaz.

RSB: Mas a Unicamp é estadual e foi muito bem recebida. Quem era o governador?

MCT: Era o Abreu Sodré. Ela decolou logo depois de nascer. Os paulistas tinham dinheiro e não eram burros.

RSB: E quando você foi presa?

MCT: Fui pega no aeroporto do Rio de Janeiro indo para a Cepal, no Chile. Foi uma [...]. Minha filha ficou apavorada. Eu fui para o Dops [Departamento de Ordem Política e Social], mas disseram que eu não estava lá. Mas estava. Laura estava no terceiro andar, e eu, no sexto. Me deixaram nua, me bateram. E diziam “Nem o Geisel tira daqui”. E foi mentira, já que quem me tirou foi o próprio [Ernesto] Geisel. Foi o ministro Severo Gomes, da Indústria, que falou com o Mario [Henrique Simonsen], que foi no presidente dizer que eu era amiga dele e era “maluca”, que não era de nada.

Fui pega no aeroporto do Rio de Janeiro indo para a Cepal, no Chile. Foi uma [...], mas quem me tirou foi o próprio [Ernesto] Geisel.

Consta que o Geisel deu um murro na mesa e disse que a minha prisão era contra ele, na verdade. Foi 1974 ainda, antes do episódio de exoneração [em outubro de 1977] do então ministro do exército Silvio Frota. Tinha um comandante do primeiro exército que era um aliado do Frota.

GLAUBER CARVALHO (GC): E a imunidade que os funcionários da Organização das Nações Unidas - ONU têm para viajar. Não adiantou?

MCT: E eu ainda tinha carteira da ONU, tinha uma categoria especial. Teoricamente eles não poderiam ter me prendido, mas era estado de exceção, eles estavam pouco se lixando.

HPM: Ela ficou um tempo numa triangulação entre Rio-México-Santiago. Nessa que ela foi presa. No México ela era visitante no Centro de Investigación y Docência Económica (Cide).

CF: Você tinha consciência do que a escola de pós-graduação em economia em Campinas viria a representar no universo das pós-graduações em economia no país?

E eu ainda tinha carteira da ONU, tinha uma categoria especial. Teoricamente eles não poderiam ter me prendido, mas era estado de exceção.



Claro que, em termos de influência, sou discípula de Furtado.

MCT: Não. Não pensávamos nisso. A gente não tinha doutorado ainda. Na verdade, só havia dois doutores. Então, vim para o Rio de Janeiro e fiz a minha tese de doutorado em 1978.

CF: Você tem duas teses. Uma que é *Acumulação de capital e industrialização no Brasil* e a outra é *Ciclo e Crise*. E as duas são próximas.

MCT: São as duas aqui da UFRJ. Uma para o doutorado e a outra para a livre-docência. Fiz uma e, em seguida, a outra. Era um tempo complicado. Eu já passei por muitas complicações na vida. Essa é a verdade. No Chile também foi complicado, não comiço lá, mas tive que tirar a Laura, minha filha. Ela tinha sido presa. Peguei o primeiro avião e fui para lá com uma comitiva de delegados da ONU. O Iglesias me recebeu no aeroporto, ainda era o secretário executivo da Cepal e eu, funcionária internacional. Acho que, se não fosse isso, não daria.

CF: E quem você lembra que teriam sido seus interlocutores mais importantes do ponto de vista acadêmico para o desenvolvimento das suas teses.

MCT: Por aqui, eu não tinha ninguém. Claro que, em termos de influência, sou discípula de Furtado, mas ele já não estava mais aqui, estava em Paris. Teve também o Ignácio Rangel, que me ensinou moeda. Eu acabei sendo autônoma.

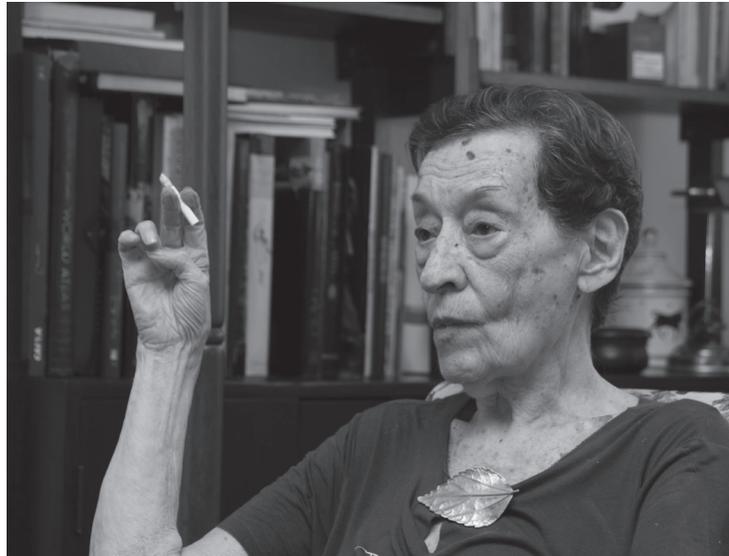
GC: E de quais autores você se lembra de ter recebido influência?

MCT: Além dos livros do Furtado, claro, foi o Rangel, que me mandou ler o *O capital financeiro*, de Hilferding. Teve também o livro do Caio Prado Júnior, que foi determinante. Claro que dos autores da economia em geral as inspirações são Marx, Kalecki e Keynes.

CF: No texto *Mais além da estagnação* você faz um debate importante com as teses de Furtado sobre a evolução da economia brasileira nos anos 1960.

MCT: Escrevi o artigo com o [José] Serra, em Santiago. O Furtado dizia que tinha estagnação e nós escrevemos que não tinha estagnação coisa nenhuma. Era uma crise e era passageira. Como outras.

Eu dava Microeconomia e Macroeconomia, na teoria econômica tradicional, ortodoxa. Para depois trazer a heterodoxia.



CF: Interessante registrar como os economistas heterodoxos brasileiros contribuíram para a literatura internacional com um pensamento econômico voltado para questões do subdesenvolvimento. Quando você monta o curso de pós-graduação em Campinas e junta Kalecki, Marx, Keynes para fazer uma análise da realidade brasileira e da América Latina, foi uma iniciativa muito inovadora.

MCT: Foi. Comecei a dar curso a partir deles, que não eram dados nas escolas. Nem o Keynes era dado, era só manual de macroeconomia.

CF: E para organizar este tipo de proposta acadêmica tem que ser uma pessoa com sólida formação ortodoxa, que certamente é seu caso.

MCT: Claro, eu dava Microeconomia e Macroeconomia, na teoria econômica tradicional, ortodoxa. Para depois trazer a heterodoxia. Depois entraram [Josef] Steindl, [Paolo] Sylos-Labini e outros heterodoxos.

CF: Desses personagens, você conheceu quem?

MCT: [Nicholas] Kaldor, [Joan] Robinson, Sylos-Labini. Teve uma conferência no Copacabana Palace, em 1968, e eles vieram todos. Vieram pela Fundação Getúlio Vargas.

Como a FGV mudou! Delfim [Netto] levou o pessoal para a USP [Universidade de São Paulo], ele era um grande professor. A faculdade de lá deve muito a ele.

RSB: O seu relacionamento com ele nunca teve nenhum problema?

MCT: Não, nunca. Ele sempre foi muito amável. Também com o Mario [Henrique Simonsen] não tinha problema.

CF: E depois de Campinas você volta para o Rio e funda a pós-graduação aqui?

MCT: Foi. A década de 1980 foi lascada. Perdida. Eu estava em Campinas, pedi licença e voltei para o Rio de Janeiro para organizar a pós-graduação em economia da UFRJ. O pessoal da Coppe-UFRJ [Coordenação dos Programas de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia, atual Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-Graduação e Pesquisa de Engenharia] ajudou a fazer o mestrado da economia.

HPM: Eu estava cursando o mestrado na Coppe. Aí a Conceição negociou com o João Saboia, José Ricardo Tauile, e o grupo de engenharia da produção da Coppe de transferir um conjunto de professores para a Faculdade de Economia. Antes, de 1974 a 1978, a Conceição esteve na Finep [Financiadora de Estudos e Projetos], coordenando um trabalho grande sobre indústria.

MCT: Com o José Pelúcio Ferreira.

CF: Eu me lembro dessa época que o professor Isaac Kerstenetzky, então presidente do IBGE, liberou para sua pesquisa umas tabulações especiais que vocês trabalharam e eu pude fazer minha dissertação de mestrado com esses dados. Veja, graças a você!

A década de 1980 foi lascada.

Perdida. Eu estava em Campinas, pedi licença e voltei para o Rio de Janeiro para organizar a pós-graduação em economia da UFRJ.

HPM: Quem vem da Coppe nesse contexto sou eu, Helena Lastres, e a turma seguinte, em 1979, que a Conceição leva para o curso recém-criado no Instituto de Economia Industrial, que é o núcleo da pós-graduação em economia da UFRJ.

CF: A organização do curso de mestrado foi uma demanda do pessoal da Finep para trazer uma proposta de curso específica para o Rio de Janeiro?

MCT: Nada. Eu que meti na cabeça deles!

HPM: Tinha explodido a crise energética do petróleo. A discussão sobre energia nuclear. E estava no início o regime de alta inflação no governo [João Baptista Figueiredo].

CF: Outra grande contribuição que eu vejo em sua obra, Conceição, que nos ajudou a pensar a questão do subdesenvolvimento é a dominação americana e a subordinação das economias em desenvolvimento. Você é pioneira em trazer esse olhar.

Ninguém falava da retomada da hegemonia pelos Estados Unidos. E eu tive que colocar “retomada” porque ninguém mais achava que eles fossem hegemônicos.

MCT: Ninguém falava da retomada da hegemonia pelos Estados Unidos. E eu tive que colocar “retomada” porque ninguém mais achava que eles fossem hegemônicos. Por causa da crise dos anos 1970, eles tinham perdido a hegemonia. Mas, até hoje, ainda mandam pra burro.

RSB: E você foi para o Japão estudá-los.

MCT: Sim. O Japão era um mito na época. Eu orientei duas teses sobre o Japão.

GC: Dos professores Ernani Torres e Leonardo Burlamaqui.

MCT: Exato!

CF: E de seus interlocutores internacionais, quais você lembraria como mais interessantes?

MCT: O [Michal] Kalecki, intelectualmente. Em 1975, foi realizado um seminário em Campinas e trouxemos também o [Paolo] Sylos-Labini, o [Pierangelo] Garagnani, a Joan Robinson.

HPM: Eu assisti. Foi um grupo de professores da Universidade Federal Fluminense [UFF], onde eu trabalhava, para lá.

CF: Você se torna professora emérita da UFRJ em 1993 e você era da executiva do PMDB [Partido do Movimento Democrático Brasileiro]. Você é “convencida” a se candidatar no ano seguinte para a Câmara dos Deputados, vai para o PT e ganha. Como foi?

MCT: O PMDB foi muito importante na minha vida.

RSB: Uma lembrança é que o Ulysses Guimarães tinha “pavor” da Conceição, porque ela falava na cara. E ele dizia para o Raphael de Almeida Magalhães, quando ele fosse trazer a Conceição, para avisá-lo com antecedência, para ele se preparar. Ele não se sentia confortável.

MCT: Eu fazia muito tumulto, perturbava. [risos]. Mas ele gostava muito de mim e eu gostava dele.

HPM: Eu fui uma das coordenadoras da campanha da Conceição. Gloria Moraes, Francisco Neiva (conhecido como Chico da Livraria Dazibao), Renato Feliciano (Eletrobras) e eu. Ela fez uma campanha de palestras. Tinha pouco dinheiro. Luciano Coutinho passou um livro de ouro em São Paulo. Funcionários aqui da Petrobras e do BNDES também fizeram. Foi panfletagem o tempo todo, junto com os alunos do IE/UFRJ.

MCT: Fiquei até rouca. São Paulo deu o grosso do dinheiro! Só que a eleição foi anulada e teve que repetir!

HMP: Ela conseguiu ter mais votos na segunda votação do que na primeira. Foi a única candidata de “opinião” eleita no Rio de Janeiro.

CF: De sua vida parlamentar, de 1995-1999, você quer registrar alguma coisa?

MCT: Não aconteceu nada de especial na minha vida parlamentar.

RSB: Porque você não tem a vocação política, tem a vocação acadêmica.

MCT: Porque aquele parlamento é uma [...]!!!

HPM: Ela odiou. Era a “professora” dos deputados.

MCT: Era uma tristeza.

HPM: E a história do Delfim?

MCT: Eu peguei o projeto de taxação de grandes fortunas que tinha sido do Fernando Henrique. Mas precisava de um número de assinaturas para ser debatido. E eu pedi para o Delfim assinar.

HPM: Ela ouviu quando o Delfim saiu pelo plenário catando assinaturas com a seguinte frase aos resistentes: “Vamos agradecer a professora. Não vai passar mesmo, mas nós agradamos ela.”

RSB: Isso acontece muito. É o apoio para ser debatido.

MCT: E foi ao plenário! Delfim era de um modo geral gentil e educado. Bem malandro!

CF: Vocês conviveram lá, Saturnino e Conceição?

MCT: Não. Ele estava no Rio.

RSB: Não. Eu saí da prefeitura do Rio em 1988 e depois eu fui ser vereador. Eu cheguei a tentar o Senado em 1994, mas levei uma surra. Voltei para a Câmara dos Vereadores. Fui para o Senado em 1999. Meu adversário em 1998 foi Roberto Campos.

CF: Outro tema importante para o debate acadêmico, que você introduz nessa sua fase, é a preocupação com a globalização, a financeirização.

MCT: Sim. Está no livro *Poder e dinheiro*, é o primeiro ensaio. E no segundo livro, *Estados e moedas*, tem o artigo “Território, império e dinheiro”. São bons artigos.

HPM: E esse é primoroso, vai ser um capítulo do novo livro que estamos organizando pelo Centro Celso Furtado.

CF: E a economia brasileira hoje?

MCT: Hoje? [risada] Está numa crise [...] outra vez. Eu não vejo oportunidade em lugar nenhum. E isto no âmbito da economia mundial, não só nossa. E a globalização não ajudou em nada. Só fez complicar. Você não consegue usar mais o Estado nacional para cortar a crise. Desmonta o Estado e aí é preciso repensar.

HPM: O que ficou da globalização de forma mais acentuada é a exacerbação do consumo.

CF: Mas, agora, nomes de peso como Thomas Piketty e Joseph Stiglitz reconhecem que o problema maior de nossa era é a desigualdade de renda e riqueza.

MCT: Descobriram a pólvora, finalmente!

CF: E a questão do consumo que tem um limite que é a questão do meio ambiente.

MCT: Aparentemente, até agora não tem limite, não. O meio ambiente está mal por conta do consumismo.

HPM: A sociedade precisa entender que tem que pagar mais caro pelos bens não poluentes.

MCT: Mas não parece que gosta!

RSB: Em seu redor formou-se um pensamento sobre o Brasil. Há um pensamento assim sobre a Argentina, o Chile?

MCT: Que eu conheça, não há. Também não foi todo mundo que teve um Celso Furtado. O Prebisch, por exemplo, não foi professor na Argentina. Era diretor de Banco, depois foi para Cepal e depois para os Estados Unidos.

CF: O Brasil tem destaque nesse campo.

HPM: E com o detalhe que, na América Latina, você não tem uma mulher de destaque na economia. Tem uma mexicana que a Conceição conheceu, mas ela não tem prestígio dentro da economia mexicana. Mesmo dentro da Cepal, as mulheres são de outras carreiras.

CF: Qual experiência fora da academia que mais a enriqueceu?

MCT: Sem dúvida foi a Cepal, lá foi enriquecedor.

CF: E os anos juntos ao PT?

MCT: Foi bom também. O Lula é uma figura ímpar.

CF: Quais são seus interesses atuais?

MCT: Estou dedicada à literatura, adoro ler.

GC: Professora, para finalizar, o que é o desenvolvimento para você?

MCT: É difícil resumir assim. Crescimento só não basta. Crescimento com distribuição de renda, que seria o ideal, é difícil. Crescimento com distribuição de renda e progresso técnico é mais difícil ainda, mas seriam essas três coisas de forma conjunta. Crescimento com progresso técnico e distribuição de renda.

Eu não vejo oportunidade em lugar nenhum. E isto no âmbito da economia mundial, não só nossa. E a globalização não ajudou em nada. Só fez complicar.



